

A encíclica *Aeterni Patris* e o movimento de restauração da filosofia tomista

Flávio Lemos Alencar

FLÁVIO LEMOS ALENCAR é bacharel em História pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Atualmente cursa o mestrado no Programa de Pós Graduação em História e a graduação na Faculdade de Direito da UFF. É membro fundador do Instituto Aquinate (IAq) e vice-editor da Revista Aquinate.

De Roma, dia 4 de agosto de 1879, está datada a encíclica *Aeterni Patris*, de Sua Santidade Leão XIII, sobre a instauração da filosofia cristã tomista nas escolas católicas¹. Cinco anos antes, em 29 de maio de 1874, no ano do sexto centenário da morte de Santo Tomás de Aquino (1225-1274), em Londres nascia Gilbert Keith Chesterton (1874-1936), em cuja vida aquela encíclica exerceria forte influência.

A encíclica *Aeterni Patris* é um marco da renovação da filosofia tomista no século XIX, renovação essa que no século XX talvez tenha encontrado ainda maior florescimento. Se não podemos dizer que a Encíclica inaugura este movimento de restauração – pois ela mesma já é fruto dessa renovação –, podemos sim afirmar que é este documento o grande impulso para o retorno de Santo Tomás às universidades e aos seminários, retorno que, transbordando as instituições eclesásticas, frutificou não poucas vezes nas universidades e academias estatais.

O presente artigo pretende apresentar, em linhas gerais, a evolução histórica do movimento de renovação do tomismo na Europa e nas Américas, voltando aos antecedentes próximos da encíclica *Aeterni Patris* e apontando os autores que, seguindo a indicação do papa Leão XIII, fizeram do tomismo uma doutrina filosófica com tantos adeptos no século XX. Não temos a pretensão de traçar um mapa completo do tomismo no século XX. Este artigo não pretende mais que ser uma introdução, ainda que cheia de lacunas, ao assunto, de modo a provocar o leitor a conhecer estes autores e aprofundar-se não só na história do tomismo, como na própria filosofia tomista.

Vista em direção a Piazza della Signoria, Florença, Itália

I

Muito antes de ser eleito sucessor de São Pedro com o nome de Leão XIII, Gioacchino Vincenzo Pecci (1810-1903) já era promotor da filosofia e da teologia de Santo Tomás de Aquino². A experiência como arcebispo-bispo de Perugia pôs monsenhor Pecci em contato com professores que – apesar da pouca atenção, e mesmo hostilidade, ao tomismo, por parte de personagens influentes como o padre Jan Roothann (1785-1853), geral da Companhia de Jesus – aprofundavam os estudos sobre Santo Tomás e divulgavam-no, conseguindo um número de discípulos cada vez maior.

É na Itália de meados do século XIX que surgem as primeiras tentativas de restauração da filosofia tomista, que irão influenciar monsenhor Pecci e mais tarde frutificar na encíclica *Aeterni Patris*. Em 1850, os jesuítas de Nápoles fundaram a revista *La Civiltà Cattolica*. O primeiro diretor da revista, Carlo Maria Curci (1810-1891), depois de um período em Paris em 1849, volta à Itália com o propósito de criar uma nova revista, que defendesse aqueles princípios sociais cujo esquecimento, julgava, tantos males vinha causando à Itália e a toda a Europa³.

Apresentou o padre Curci o projeto a diversos cardeais e ao próprio papa Pio IX, de quem recebeu estímulo para ir adiante com a empreitada. No entanto, ao padre geral da Companhia, conhecido por sua forte aversão à polêmica, não parecia oportuno tratar de temas políticos e sociais; e manifestou seu parecer ao Santo Padre. O Papa, contudo, manteve sua vontade de que se fizesse a revista, e aportou a quantia necessária para a publicação, que se inaugurou em cinco de abril de 1850.

Os diretores da revista eram todos tomistas: Luigi Taparelli D'Azeleglio (1793-1862), vindo de Palermo, que é o grande nome da restauração tomista entre os jesuítas⁴; Antonio Bresciani (1798-1862), de Roma; Matteo Liberatore (1810-1892) e o próprio Carlo Maria Curci, que já estavam em Nápoles. Giovanni Battista Pianciani (1784-1862), chegado da América, esteve entre os primeiros diretores. Também Serafino Sordi (1793-1865), assessor, era tomista. Entre os que trabalharam na revista em suas primeiras décadas, cumpre ressaltar o nome de Giovanni Maria Cornoldi (1822-1892), que se tornaria conhecido por sua refutação do ontologismo de Antonio Rosmini (1797-1855), e que esteve no corpo editorial de *La Civiltà Cattolica* de 1880 até sua morte.

Apesar da homogeneidade tomista na direção de *La Civiltà Cattolica*, os editores julgaram por bem esperar cerca de três anos para manifestar claramente a linha filosófica da revista. Para Eudaldo Forment Giralte:

Parece portanto, que durante este primeiro triênio atuaram com uma cautela extrema para que não se descobrisse sua fidelidade ao tomismo. Esta atitude é perfeitamente compreensível se tem-se em conta como haviam conhecido a filosofia de Santo Tomás e os obstáculos que encontraram ao tentar seu renascimento, antes da fundação da revista⁵.

Quando, a partir de 1828, o padre Curci esteve no Colégio Romano para estudar filosofia e teologia, no ensino predominava uma postura eclética, o que desgostava a não poucos dos estudantes. Alguns deles, em acordo com o reitor, que era o padre Taparelli d’Azeglio, estudavam às escondidas a doutrina de Santo Tomás fazendo circular certo manuscrito sobre o tomismo, de autoria do padre Sordi. O padre Taparelli aprendeu o tomismo do padre Sordi, que o aprendeu do cônego Vincenzo Buzzetti (1771-1824), que o aprendeu do cardeal Juan Tomás de Boxadors (1703-1780), mestre geral dos dominicanos.

Desagradado com a situação clandestina do tomismo no Colégio Romano, em 1827 o reitor propôs ao padre geral Luigi Fortis (1748-1829) uma ordenação dos estudos de acordo com a filosofia aristotélico-escolástica. Morrendo o padre Fortis antes de decidir a questão, coube esta tarefa ao novo geral, o padre Jan Roothaan, holandês, eleito em 1829, que destituiu o padre Taparelli do cargo de reitor do Colégio, enviando-o a Nápoles como provincial. Em Nápoles, o padre Taparelli conseguiu reunir um núcleo de professores tomistas, reformando o Colégio Máximo. Em 1833, porém, o padre Roothaan desfez o núcleo, enviando cada professor a um lugar diferente. O padre Taparelli foi enviado para a Sicília. Em Nápoles, ficou Matteo Liberatore, que terminou os estudos em 1837 e foi destinado a ensinar no próprio Colégio. Manteve o tomismo aprendido, embora impedido de manifestá-lo pelo padre Roothaan.

Em 1850 quando, a despeito a oposição do padre geral, e contando com o decidido apoio do Papa, *La Civiltà Cattolica* é lançada em Nápoles, o padre Liberatore advertirá da prudente tática do silêncio que vinha seguindo por tantos anos. Apenas em 1853, como dissemos, a revista se definirá claramente como tomista. De fato, em cinco de maio de 1853, falecia o padre Jan Roothaan. A partir de então, *La Civiltà Cattolica* empenhou-se abertamente numa campanha em favor da restauração da filosofia de Santo Tomás.

II

Em Nápoles, o movimento pela restauração do tomismo conquista Gaetano Sanseverino (1811-1865), cônego que abandona a filosofia cartesiana em

favor do tomismo e publica, entre outras obras, *Philosophia christiana cum antiqua et nova comparata*, em cinco volumes, em 1863. A influência de Sanseverino e da Escola de Nápoles se irradia por toda a Itália, atingindo também Perugia, diocese confiada ao cardeal Pecci, futuro Leão XIII.

Em 1859, o cardeal fundou uma Academia Tomista, com seu irmão Giuseppe Pecci (1807-1890) e o jovem frade dominicano Tommaso Zigliara (1833-1893), que em 1876 publicaria uma *Summa philosophica*. Os seminaristas passaram a ser formados de acordo com a doutrina de Santo Tomás. O padre Pecci, da Companhia de Jesus, irmão do cardeal Pecci, havia aprendido o tomismo do padre Taparelli, com quem havia convivido em Modena⁶.

Eleito Leão XIII, o Papa continuou em Roma a obra de difusão do tomismo. Consultando previamente o Colégio Cardinalício a respeito, decidiu-se por elevar seu irmão a cardeal Pecci. Também Tommaso Zigliara foi elevado a cardeal Zigliara.

Uma semana depois da sua eleição, ele propunha fundar em Roma uma academia análoga à de Perúgia, dedicada a conhecer e difundir a doutrina tomista. Ele instituiu uma *cátedra tomista* e impôs aos seminários em Roma os novos manuais de filosofia tomista. Em sua primeira encíclica, publicada em 21 de abril de 1878, na qual dava a conhecer o programa do seu Pontificado, dedicou um parágrafo inteiro ao tomismo e pôs em relevo a importância da filosofia⁷.

Em maio de 1879, recém iniciado o segundo ano de pontificado, Leão XIII publica a encíclica *Aeterni Patris*. Em seguida promove a chamada Comissão Leonina, que funciona até hoje, responsável pela edição crítica das obras de Aquinate; elabora a ideia das universidades católicas, destinadas a ser centros de estudo e difusão do tomismo; e funda a Pontifícia Academia de Santo Tomás de Aquino.

Na encíclica *Aeterni Patris*, Leão XIII, começa tratando da relação entre filosofia, razão e fé. Em seguida, apresenta uma história da filosofia e da teologia cristãs. Lembra os grandes nomes da Patrística, e exalta

Os doutores da Idade Média, denominados Escolásticos, [que] produziram uma grande obra ao reunirem com cuidado as abundantes e fecundas doutrinas disseminadas nas inúmeras obras dos Santos Padres e diligentemente reuniram-nas num só lugar, para uso e comodidade futuros⁸.

Dentro do campo da Escolástica, Leão XIII aponta, como mestre geral, o Doutor Angélico:

A encíclica Aeterni Patris e o movimento de restauração da filosofia tomista

Pois bem, entre todos os Doutores Escolásticos, brilha maximamente, como príncipe e mestre de todos, Tomás de Aquino, quem, como observa Caetano, por ter venerado profundamente os santos doutores que o precederam, herdou, de certo modo, a inteligência de todos. Tomás reuniu suas doutrinas, como membros dispersos de um mesmo corpo, confrontou-as, compreendeu-as e classificou-as num só corpo, com admirável ordem, enriqueceu-as com grandes e novos princípios, que têm sido considerados, com muita razão, justiça e mérito, como singular auxílio da Igreja católica⁹.

Ao afirmar que “a razão elevada por Tomás até o mais alto do humano, não pode elevar-se a regiões mais sublimes; nem a fé pode esperar que a razão lhe preste mais numerosos e mais valentes argumentos”¹⁰, o Papa dava o rumo que queria ver seguirem os filósofos católicos: que abandonassem a filosofia moderna e voltassem àquela doutrina de Santo Tomás, superior à filosofia moderna em todos os sentidos.

III

A encíclica *Aeterni Patris* manifestou a todo o orbe católico o direcionamento que o Papa queria para os estudos filosóficos: que se pautassem pela doutrina e método do Aquinate. E a voz do Papa não foi desconsiderada. Conforme veremos a seguir, em diferentes países o movimento de restauração do tomismo alcançou muitos adeptos.

Na Itália, especialmente em Roma, o tomismo cresceu apoiado nas universidades pontificias e nos filósofos italianos e estrangeiros que acorriam à Cidade Eterna. Na Pontifícia Universidade Gregoriana, que tradicionalmente recebe muitos estudantes estrangeiros e é administrada pelos jesuítas, ensinou Guido Mattiussi (1852-1925), que propôs, em 1917, as famosas vinte e quatro teses tomistas, numa situação histórica em que muitos autores católicos, sem abraçar o que efetivamente ensinou Santo Tomás, davam o nome de tomismo às doutrinas que eles próprios queriam ensinar. Também pertenceram à Gregoriana: Santo Schiffini (1841-1906), Michele de Maria (1836-1913), Louis Billot (1846-1931), Paul Gény (1871-1925). O cardeal Billot participou da redação da encíclica *Pascendi Dominici Gregis* (1907), do papa São Pio X.

Em 1907, a publicação da encíclica *Pascendi Dominici Gregis*, em que São Pio X condenava o modernismo, contribuiu para o fortalecimento do tomismo. Em 1909, Agostino Gemelli – nascido Edoardo Gemelli (1878-1959) –,

socialista convertido e feito franciscano, fundou a *Rivista di filosofia neoscolastica*. Mais tarde, em 1921, fundava a Universidade Católica do Sagrado Coração, que se tornou um dos mais renomados centros de filosofia tomista, originando a chamada Escola de Milão. À Escola de Milão – que se notabiliza pela “*crítica ao pensamento moderno em geral e, em especial, ao atualismo idealista, que teve na Itália o seu pleno desenvolvimento na filosofia de Benedetto Croce (1866-1952) e Giovanni Gentile (1875-1944)*”¹¹ – pertenceram, entre outros: Francesco Olgiati (1886-1962), historiador da filosofia; Amato Masnovo (1880-1955), metafísico e historiador do tomismo; Mario Casotti (1896-1975), que abandonou o atualismo em favor do tomismo e se tornou reconhecido teórico da pedagogia; Umberto Padovani (1894-1968), filósofo da religião e historiador da filosofia moral.

A Pontifícia Universidade de Santo Tomás de Aquino, o Angelicum, mantida pelos dominicanos, teve entre seus professores mais ilustres no século XX os dominicanos Édouard Hugon (1867-1929) e Réginald Marie Garrigou-Lagrange (1877-1964), ambos franceses. O padre Hugon – autor de obras conhecidas, como *Les XXIV theses thomistes*¹², em que explica as citadas teses, e *Hors de l'Église, point de salut* – foi assessor de três papas – São Pio X, Bento XV e Pio XI – e colaborou na redação de documentos tão importantes quanto a encíclica *Quas Prima* (1925), do papa Pio XI, que instituiu a festa de Cristo Rei.

O padre Garrigou-Lagrange foi professor no Angelicum entre 1909 e 1960. É com certeza um dos maiores teólogos de todos os tempos, e chama a atenção que seu nome religioso seja Réginald, como o secretário de Santo Tomás, Reginaldo de Piperno (1230-1290). A exemplo de Reginaldo de Piperno, o padre Garrigou-Lagrange foi reconhecidamente um tomista de extrema fidelidade, colaborando eficazmente para o aprofundamento e para a divulgação do tomismo no século XX. Publicou mais de quinhentos livros e artigos. Aprendeu o tomismo com o padre Ambroise Gardeil (1859-1931) – um dos fundadores da *Revue thomiste* em 1893 –, e foi estudar na Universidade de Paris, onde encontrou tal ambiente intelectual modernista que o fez pedir transferência para Friburgo. Na Universidade de Friburgo, conheceu Norberto del Prado (1852-1918). Em 1905, passou a formar parte do grupo de professores de *Le Saulchoir*, uma casa dominicana na Bélgica que se tornou famoso centro tomista. Em 1909, o padre Garrigou-Lagrange passa a lecionar no Angelicum. Entre seus livros, estão *Le sens commun* (1909), *La synthèse thomiste* (1946) e *Les Trois âges de la vie intérieure* (1938).

Entre os alunos de Garrigou-Lagrange no Angelicum, destaca-se o padre Cornelio Fabro (1911-1995), que buscou um tomismo essencial. Na análise de Carlos Frederico Calvet, “*a metafísica tomista no século XX encontra em*

*Cornelio Fabro sua figura mais expressiva*⁷³. Algumas obras do padre Fabro são *La nozione metafisica di partecipazione secondo S. Tommaso* (1939), *Neotomismo e neosuarismo* (1941), *Introduzione all'ateismo moderno* (1961) e *La svolta antropologica di Karl Rahner* (1974), em que critica a teologia progressista e a pretensão de Karl Rahner (1904-1984) de aproximar Martin Heidegger (1889-1976) e Santo Tomás de Aquino.

IV

Josef Wilhelm Karl Kleutgen (1811-1883) pode ser apontado como o principal nome da restauração da escolástica na Alemanha. Este jesuíta viveu por muitos anos na Itália, onde manteve contato com os padres Taparelli e Liberatore. O padre Kleutgen colaborou na redação da encíclica *Aeterni Patris*.

Meio século após do padre Kleutgen, há que se registrar Joseph Geyser (1869-1948), que se dedicou à lógica e à teoria do conhecimento. Ainda outro grande restaurador foi, no campo da história da filosofia, Albert Stoeckl (1823-1895). Um de seus livros, publicado entre 1864 e 1866, é uma história da filosofia medieval em três volumes, *Geschichte der Philosophie des Mittelalters*. A influência do padre Stoeckl na renovação tomista nos países germânicos é notável, pois começou ele o necessário trabalho de recuperação histórica das fontes escolásticas.

De fato, particular contributo dos tomistas germânicos do século XIX é a publicação erudita de manuscritos escolásticos medievais, o que foi de grande utilidade para os tomistas que lhes seguiram. Abundam os historiadores da filosofia entre os tomistas alemães e austríacos: Heinrich Seuse Denifle O.P. (1844-1905), pioneiro da paleografia tomista; o cardeal Franz Ehrle S.J. (1845-1934), que foi encarregado da Biblioteca Apostólica Vaticana; Clemens Baeumker (1853-1924), que em 1891 começou o que seria uma vasta coleção de contribuições para a história da filosofia da Idade Média: *Beitraege zur Geschichte der Philosophie des Mittelalters*.

Martin Grabmann (1875-1949) pode ser considerado o principal entre todos os historiadores do tomismo. Foi discípulo do cardeal Ehrle e do padre Denifle, estudou no Angelicum e lecionou na Universidade de Viena. Continuou a coleção das *Contribuições* após a morte de Baeumker. Um dos assuntos que mais estudou foi a história do método escolástico.

Há de se notar que os jesuítas de expressão alemã, a começar pelo padre Kleutgen, seguiram orientação suareziana, diferentemente dos jesuítas de outros países, que buscaram um tomismo mais puro. O suíço Victor Cathrein

S.J. (1845-1931), na senda de Francisco Suárez (1548-1617), dedicou-se à filosofia moral, publicando obras sobre direito, política e economia. Entre seus livros, teve publicado *Der Sozialismus* (1910).

Especialista na filosofia política e inspirando-se nesta matéria em Suárez, Heinrich Rommen (1897-1967) tem entre seus livros *Der Staat in der katholischen Gedankenwelt* (1935), publicado no Brasil em 1967 como *O Estado no Pensamento Católico*, e *Die ewige Wiederkehr des Naturrechts* (1936). Antes de se exilar nos Estados Unidos em razão da perseguição nacional-socialista, participou de um nutrido grupo de intelectuais católicos – de que participava, entre muitos outros, Götz Briefs (1889-1974) –, grupo este que promoveu a Doutrina Social da Igreja na Alemanha, sofrendo por isso repressão por parte dos nazistas. Nos Estados Unidos a partir de 1938, Heinrich Rommen foi professor na Universidade de Georgetown entre 1953 e 1967, ensinando matérias relacionadas à filosofia política.

Entre os mais destacados tomistas alemães do fim do século XX, há que se apontar Josef Pieper (1904-1997), autor de, entre outras obras, *Hinführung zu Thomas von Aquin* (1958) e *Thomas von Aquin: Leben und Werk* (1981). Pieper dedicou-se, sobretudo, à antropologia, à sociologia e à ética, confluindo a metafísica e o método fenomenológico.

V

Talvez o centro mais célebre do tomismo renovado após a encíclica *Aeterni Patris* seja o da Universidade de Lovaina, fundada em 1425. Em 1834, após a independência da Bélgica em 1830 e a liberdade de ensino, a antiga universidade foi restaurada pelos bispos da Bélgica.

Em 1882, inaugurou-se na universidade uma cátedra de filosofia tomista, que foi confiada a Désiré-Joseph Mercier (1851-1926). Em 1894, foi fundado o Instituto Superior de Filosofia. As aulas do padre Mercier – em 1906, arcebispo, e em 1907, cardeal – em Lovaina eram em francês, e não em latim, o que representa uma inovação considerável. Seu tomismo, por outro lado, admitia penetração do kantismo, formulando o que foi chamado realismo crítico ou realismo mediato. No campo da gnoseologia, a diferença é a seguinte: para Santo Tomás e os escolásticos em geral, o conhecimento das coisas é imediato, e para Immanuel Kant (1724-1804) não chegamos a conhecer as coisas em si, mas apenas os fenômenos. O realismo crítico do cardeal Mercier considerava, em traços largos, que o conhecimento das coisas é fenomenal, cabendo provar que sob os fenômenos estão as coisas. Tal proposição do cardeal Mercier dividiu

os tomistas em duas correntes, uma que aceitou conciliações com a doutrina de Kant e outra que não as aceitou.

Discípulo do cardeal Mercier foi monsenhor Charles Sentroul (1867-1933), que em 1908 chegou ao Brasil para ser co-fundador, diretor de estudos e professor da Faculdade de São Bento, primeiro centro de estudos superiores em filosofia no Brasil desde a expulsão dos jesuítas. O padre Sentroul foi um dos maiores conhecedores da doutrina kantiana em seu tempo, refutando-a com base na doutrina de Santo Tomás¹⁴. Algumas obras do padre Sentroul são: *L'Objet de la Métaphysique selon Kant et Aristote* (1905); *Vraie Thomisme Contre Vraie Kantisme* (1906); *Le Subjectivisme de Kant* (1907); em português, por exemplo, *A Lei dos Três Estados de Augusto Comte* (1909). Do cardeal Mercier, algumas obras são: *Cours de philosophie de S. Thomas*; *Psychologie* (1883); *Critériologie générale, ou Traité de la certitude* (1889). Depois de criado cardeal, Mercier dedicou-se mais a temas de espiritualidade, publicando, por exemplo: *Retraite pastorale* (1910); *Vie intérieure* (1918); *Le christianisme dans la vie moderne* (1918).

Da Escola de Lovaina, entre outros, sejam citados: o padre Joseph Maréchal (1879-1944), jesuíta, que buscou interação com o kantismo, autor de *Le point de départ de la métaphysique* (1922); Maurice de Wulf (1867-1947), que se dedicou à história da filosofia, publicando entre 1934 e 1947 uma *Histoire de la philosophie médiévale*; o padre Simon Deploige (1868-1927), que sucedeu o cardeal Mercier na direção do Instituto Superior de Filosofia, autor de *Le conflit de la morale et de la sociologie* (1911) em que contesta Durkheim; Louis De Raeymaeker (1895-1970), autor de, entre outras obras, *Introductio generalis ad philosophiam et thomismum* (1934), *Metaphysica generalis* (1935) e *Philosophie de l'être* (1947).

As concepções do padre Maréchal deram origem, em combinação com a doutrina do padre Pierre Rousselot (1878-1915) – professor do Institute Catholique de Paris, autor de *L'Intellectualisme de Saint Thomas* (1908), morto na Grande Guerra – ao chamado *tomismo transcendental*, um tomismo que utiliza princípios kantianos em sua construção.

Nestas bases, Bernard Lonergan S.J. (1904-1984) foi um continuador de Maréchal e Rousselot. Os dois primeiros volumes de suas obras completas, publicadas pela Universidade de Toronto, são dedicadas ao pensamento do Aquinate (*Grace and Freedom: Operative Grace in the Thought of St. Thomas Aquinas* e *Verbum: Word and Idea in Aquinas*). Tendo escrito sua tese de doutorado na Pontifícia Universidade Gregoriana sobre o Doutor Angélico, o padre Lonergan, canadense, foi professor em diferentes instituições, como o Regis College, o Loyola College, a Pontifícia Universidade Gregoriana e o Boston College.

Mendo Castro Henriques chega a considerar Lonergan como o filósofo mais importante do século XX¹⁵. Publicado em 1957, seu trabalho intitulado *Insight: A Study of Human Understanding* é considerado sua obra-mestra¹⁶. Lonergan desenvolveu o chamado Método Empírico Generalizado (Generalized Empirical Method), um modelo explicativo que oferece uma metodologia unificada para o estudo de diferentes disciplinas, como a teologia, a filosofia, a matemática, as ciências naturais, a economia, a história e as artes¹⁷. Além de filosofia e teologia, Lonergan escreveu também sobre educação (*Topics in Education: The Cincinnati Lectures of 1959 on the Philosophy of Education*), economia (*For a New Political Economy* e *Macroeconomic Dynamics: An Essay in Circulation Analysis*) e matemática (*Phenomenology and Logic: The Boston College Lectures on Mathematical Logic and Existentialism*). O pensamento de Lonergan tem sido objeto de estudo de muitos autores, principalmente no Canadá, nos Estados Unidos, na Itália, na Austrália, no Chile, na Argentina, na Índia e nas Filipinas, existindo vários centros de estudos e três revistas acadêmicas (*The Lonergan Workshop Journal*, *Method: Journal of Lonergan Studies* e *The Lonergan Review: The Journal of the Bernard J. Lonergan Institute*) dedicados ao estudo de seu pensamento. No Brasil as idéias de Lonergan foram estudadas de forma pioneira em língua portuguesa pelos sacerdotes Stanislaus Ladusáns S.J. (1912-1993)¹⁸ e Ney Affonso de Sá Earp (1935-1995)¹⁹.

VI

Na França, a renovação tomista teve um início tardio, se comparado a outros países. No entanto, uma vez iniciado, tornou-se este país um polo do pensamento tomista, produzindo autores que se tornaram paradigmáticos neste campo, como o padre Garrigou-Lagrange, o cardeal Billot e, entre os leigos, Étienne Gilson (1894-1978) e Jacques Maritain (1892-1973).

Os primeiros a restaurarem o tomismo na França foram os sacerdotes da Companhia de São Sulpício, dedicada à formação do clero. Já em 1879, em acolhimento à encíclica *Aeterni Patris*, a Assembléia Geral dos sulpicianos determinava a introdução do ensino escolástico em seus seminários²⁰. O conde Domet de Vorges (1829-1910) defendeu o tomismo na França, por mais de trinta anos, antes que se iniciasse um movimento realmente vigoroso, tal como depois se viu. Seus escritos mais importantes são *Essai de Métaphysique positive* (1883), em que defende que a metafísica aristotélica é verdadeira ciência, fundada nos fatos da experiência; e um *Abrégé de Métaphysique* (1906). Em cada problema, o conde de Vorges, adotando um método histórico, aporta as so-

luções dadas pelos escolásticos, apontando em seguida qual deles é no assunto o seu preferido ou propondo uma solução própria²¹.

Nome principal da renovação tomista na França é o do monsenhor Maurice Le Sage d'Hauteroche d'Hulst (1841-1906), fundador e reitor do *Institut Catholique de Paris*. Entre suas obras, *L'éducation supérieure* (1886) e *Le Droit chrétien et le Droit modern* (1886), que é um comentário da encíclica *Immortale Dei* (1885), de Leão XIII. Monsenhor d'Hulst teve entre seus colaboradores no Instituto Católico o padre Paul de Broglie (1834-1895), que foi professor de Apologética no *Institut Catholique* e publicou *Positivisme et la science expérimentale* em 1881. O padre Émile Peillaube (1864-1934), marista, fundou e dirigiu a *Revue de Philosophie*, fundada em 1900, e publicou *Les Images. Essai Sur La Mémoire Et L'imagination* (1910) e *Siger de Brabant* (1911); teve publicado postumamente, em 1935, o livro *Caratère et Personnalité*, que alcançou fama nos meios da psicologia.

Entre os primeiros professores do *Institut Catholique*, o espiritualismo eclético – movimento que teve fama entre os católicos e em parte foi responsável pelo atraso com que a França aderiu à restauração tomista – era a doutrina de não poucos. Mais tarde, porém, o tomismo conquistou predomínio e chegou a contar no *Institut Catholique* com professores de renome internacional, entre os quais o principal é Jacques Maritain, que lecionou lá entre 1914 e 1939.

Jacques Maritain, de formação protestante liberal, converteu-se com sua esposa, Raïssa Maritain (1883-1960), por influência de Léon Bloy (1846-1917), em 1905. Em 1906, Jacques, Raïssa e Véra Oumançoff (1886-1959) – irmã de Raïssa – receberam o batismo. Jacques Maritain estudou na Universidade de Paris, e chegou a frequentar um curso de Henri Bergson (1859-1941) no Collège de France. A partir de 1909, passou a estudar mais profundamente a doutrina de Santo Tomás. Durante seu período no *Institut Catholique de Paris*, foi professor de ao menos um brasileiro, Ubaldo Puppi (1923-2005), para quem faria o prefácio de *Itinerário para a verdade*, publicado pela Editora Agir em 1955.

Distinguem-se duas fases no pensamento de Jacques Maritain: a primeira, que vai até 1936, caracteriza-se por obras como *Antimoderne* (1922); *Primauté du spirituel* (1927); *Le Docteur Angélique* (1929); *Distinguer pour unir ou Les degrés du savoir* (1932); *Les Trois Reformateurs* (1925), em que estuda e critica Martinho Lutero (1483-1546), René Descartes (1596-1650) e Jean-Jacques Rousseau (1712-1778). Nesta primeira fase, divulga amplamente a filosofia de Santo Tomás de Aquino, exercendo influência na França e no exterior. Aproxima-se da Action Française de Charles Maurras (1868-1952) e critica fortemente a Revolução Francesa de 1789 e o pensamento moderno. Numa

segunda fase, a partir de 1936, com a publicação de *Humanisme Intégral*, vai em direção de uma admiração à democracia liberal cada vez mais acentuada, chegando ver na Revolução de 1789 o “fermento do Evangelho”²². No mesmo ano de 1936, com o início da Guerra Civil Espanhola, Maritain se uniu aos intelectuais franceses que publicamente se declaravam contra os nacionalistas. Há que se notar que, nesta segunda fase, seu pensamento muda com relação à filosofia política; mas no campo da lógica, da teoria do conhecimento – Maritain sempre defendeu o realismo imediato de Aristóteles (384-322 a.C.) e Santo Tomás – e da filosofia da natureza, seu pensamento não experimentará mudanças tão abruptas.

Em 1932, Maritain esteve em Toronto, Canadá, para ensinar no Pontifício Instituto de Estudos Medievais. De 1940 a 1960 vive nos Estados Unidos. Em Nova York, lecionando na Universidade de Columbia, a sua casa torna-se um ponto de encontro de intelectuais e artistas franceses no exílio. Alguns livros deste período são: *Court traité de l'existence et de l'existente* (1947); *Du Bergson à Thomas d'Aquin* (1944); *La signification de l'athéisme contemporain* (1949); *L'homme et l'État* (1952); *Pour une philosophie de l'histoire* (1957); *La philosophie morale* (1960). Depois de um período (1944-1947) como Embaixador da França junto à Santa Sé, volta para a carreira acadêmica: ensina em Princeton de 1948 a 1959.

Raïssa Maritain faleceu em 1960. Com ela, Maritain havia publicado livros como *De la vie d'oraison* (1914) e *Situation de la poésie* (1938). Em 1961, Jacques Maritain recolheu-se no convento dos Pequenos Irmãos de Jesus, em Toulouse. Aí se dedicou à contemplação mística. Proferiu os votos religiosos em 1971 e faleceu dois anos depois. Em 1966, publicou *Le paysan de la Garonne*, livro que suscitou tantos debates, em que faz crítica ao modernismo e ao progressismo que se espalharam em tantos ambientes eclesiásticos depois do Concílio Vaticano II.

Étienne Gilson (1884-1978) dedicou-se, sobretudo, à História da Filosofia, publicando dezenas de obras, entre as quais as mais célebres são certamente *La philosophie au moyen-âge* (1922, em dois volumes) e *L'esprit de la philosophie médiévale* (1932). Com Maritain, defendeu a especificidade de uma “filosofia cristã”. Entre 1921 e 1932, lecionou na Universidade de Paris. Em sua carreira acadêmica, foi também membro do Collège de France, fundador do Pontifício Instituto de Estudos Medievais em Toronto, e eleito para a Academia Francesa em 1946.

Outro importante historiador do tomismo foi o padre Pierre Mandonnet (1858-1936), que foi reitor da Universidade de Friburgo e co-fundador da *Revue Thomiste* (1893). Fundador também da *Revue thomiste* foi Antonin-Gilbert Sertillanges (1863-1948), de um tomismo com grande abertura ao bergsonis-

mo, professor de filosofia moral no Institute Catholique, membro da Academia de Ciências Morais e Políticas. *La Vie intellectuelle, son esprit, ses conditions, ses méthodes* é uma obra do padre Sertillanges que veio a conhecer diversas edições em várias línguas, e até hoje é muito divulgada.

A *Revue Thomiste* é publicada até hoje. Desde 1990 seu editor é Serge-Thomas Bonino O.P.²³, membro ordinário da Pontifícia Academia de Santo Tomás de Aquino desde 1999 e um dos fundadores do Institut Saint-Thomas d'Aquin, um centro de estudos instituído pela Província de Toulouse da Ordem dos Pregadores em 1995 e, em 1999, incorporado à Faculdade de Teologia do Institut Catholique de Toulouse.

Na Holanda, o nome mais representativo da renovação tomista no século XX é o do padre Leo J. Elders S.D.V.²⁴, que ao longo de décadas construiu uma carreira acadêmica que inclui períodos em Harvard sob a orientação de Werner Jaeger (1888-1961), e no Japão como professor da Universidade de Nanzan. Foi professor também na Universidade Lateranense e no Angelicum. É professor visitante de várias instituições, entre as quais a Universidade de Navarra, o Centro de Estudos Tomistas da Universidade do Texas e a Faculté Libre de Philosophie de Paris – da qual também foi professor visitante o tomista brasileiro José Pedro Galvão de Sousa (1912-1992). O padre Elders tem uma relação muito estreita com os tomistas sul-americanos, comparecendo freqüentemente às Semanas Tomistas, organizadas anualmente em Buenos Aires, e colaborando com o Instituto Aquinate, do Brasil. O Instituto do Verbo Encarnado, congregação religiosa argentina que desde sua fundação, em 1984, muito tem promovido o tomismo, publicou recentemente dois volumes que vêm juntar-se à vasta bibliografia do mestre tomista holandês: *Conversaciones filosóficas con Santo Tomás de Aquino*²⁵ e *Conversaciones teológicas con Santo Tomás de Aquino*²⁶.

VII

A renovação do tomismo na Inglaterra teve entre seus pioneiros o padre Thomas Morton Harper (1821-1893), jesuíta convertido do anglicanismo, autor de *The metaphysics of the school*, parte da *Stonyhurst series of Philosophical Textbooks*, série preparada pelos jesuítas de Stonyhurst College, importante para a divulgação do tomismo. Contemporâneo do padre Harper, o Bem-Aventurado John Henry Newman (1800-1890), também convertido do anglicanismo, recebeu com entusiasmo a encíclica *Aeterni Patris*. Em dezembro de 1879, o Cardeal Newman escreveu uma carta ao papa Leão XIII agradecendo pela publicação da encíclica²⁷.

Entre os tomistas ingleses, sejam citados: Martin Cyril D'Arcy (1888-1976), autor de *The Mind and Heart of Love* (1945), *The Nature of Belief* (1931) e *Thomas Aquinas* (1930), a que tantas vezes se refere G. K. Chesterton; Edward Ingram Watkin (1888-1981), convertido à religião católica em 1908, fundador de um movimento pacifista no período de entre-guerras, autor de *Some Thoughts on Catholic Apologetics* (1915), *Theism, Agnosticism And Atheism* (1936), *The Catholic Center* (1939), *Catholic Art and Culture* (1942), *Neglected Saints* (1955), *Roman Catholicism in England from the Reformation to 1950* (1957); o padre James Patrick Weisheipl O.P. (1923-1984), dedicado à história do tomismo e à filosofia da Natureza, autor de obras como *The Development of Physical Theory in the Middle Ages* (1959) e *Friar Thomas d'Aquino: His Life, Thought, and Works* (1975).

O padre Frederick Charles Copleston S.J. (1907-1994) foi dos mais famosos tomistas britânicos, sendo conhecido em todo o mundo. Convertido do anglicanismo tornou-se jesuíta em 1930 e lecionou no Heythrop College, em Oxford, de 1939 a 1970. Dedicou-se à história da filosofia e promoveu o tomismo, publicando uma *History of Philosophy* em onze volumes, entre 1946 e 1975. O padre Copleston manteve em 1948 um célebre debate com Bertrand Russell (1872-1970), transmitido pela BBC, sobre a existência de Deus.

O maior divulgador britânico da figura e do pensamento de Santo Tomás foi, contudo, um homem que não gostava de se ver como um filósofo: ao contrário, o ofício a que mais se identificava – entre os tantos que exerceu durante a vida: literato, poeta, historiador, teórico da economia, desenhista... – era o de jornalista. Trata-se de Gilbert Keith Chesterton, nascido no ano do sexto centenário da ida ao céu de Santo Tomás de Aquino, como lembramos no início deste artigo.

Em 1933, Chesterton publicou uma biografia de Santo Tomás que incentivaria intelectuais e homens simples de todo o mundo a se aproximarem da filosofia do Aquinate. Europa, Estados Unidos, Canadá, México, Brasil, Argentina, toda a América do Sul, África, Ásia, Austrália: ao mundo inteiro chegou a biografia escrita por Chesterton. Deste livro teria dito Étienne Gilson: “Durante toda a minha vida estudei Santo Tomás e nunca poderia ter escrito um livro como o seu. Só um gênio é capaz de tal façanha”²⁸.

Chesterton viveu no momento em que o tomismo recuperava seu prestígio, graças à encíclica *Aeterni Patris*, publicada quando Chesterton tinha cinco anos. Em *St. Thomas Aquinas*, Chesterton se refere a seus companheiros na restauração tomista:

Neste momento atual, tão pouco esperançoso, não há homens tão esperançosos como aqueles que consideram agora Santo Tomás como guia em uma centena de perguntas angustiosas respeitante às artes, à propriedade e à ética econômica. Há, inegavelmente, um tomismo esperançoso e criador em nossa época²⁹.

O tomismo inglês atualmente tem um dos seus pólos mais vigorosos na Universidade de Oxford. Nesta universidade foi fundado, em 2004, o Aquinas Institute, albergado em Blackfriars Hall, uma “*permanent private hall*” da Universidade de Oxford, administrada pela Ordem dos Pregadores. Atualmente o Aquinas Institute é dirigido pelo padre Fergus Kerr O.P., e realiza diversos eventos, como o Aquinas colloquium, de periodicidade anual. Os patronos do Aquinas Institute são quatro acadêmicos de fama internacional: John Joseph Haldane, Alasdair MacIntyre, Ralph McInerny (1929-2010) e Eleonore Stump. John Haldane pode ser considerado o iniciador do chamado *tomismo analítico*, que procura conjugar a doutrina de Santo Tomás com a moderna filosofia analítica, tão fortemente presente entre os britânicos.

Ainda na Universidade de Oxford, e dentro da tradição do tomismo analítico, um autor de grande relevo internacional é o professor australiano John Finnis, que dedica-se sobretudo à filosofia do direito. Entre suas obras mais conhecidas estão *Natural Law and Natural Rights* (1980) e *Aquinas: Moral, Political and Legal Theory* (1998).

Na Universidade de Cambridge, Elizabeth Anscombe (1916-2001), aluna e sucessora de Ludwig Wittgenstein (1889-1951) na cátedra de filosofia, converteu-se ao catolicismo durante seus anos de estudo universitário. Procurou uma conciliação entre Wittgenstein e Tomás, na linha do tomismo analítico. A Cambridge University Press, em sua série de *Companions*, publicou um dedicado ao Aquinate, que reúne estudos de renomados estudiosos do tomismo³⁰.

VIII

Na Espanha, a Escolástica contou com um florescimento impressionante nos séculos XVI e XVII, com a Escola de Salamanca, dentro do marco da chamada Segunda Escolástica. Em Portugal, a Escola de Coimbra e a Escola de Braga também ofereceram escolásticos que marcaram uma restauração do tomismo no século XVI, depois de um período de decadência da Escolástica.

Apesar do vigor da Segunda Escolástica, os séculos seguintes ao XVII viram uma nova decadência do tomismo na Espanha. Quando foi publicada

a encíclica *Aeterni Patris*, raros eram os pensadores recentes que haviam procurado estribar suas reflexões na doutrina de Santo Tomás. Entre esses, cabe ressaltar Jaime Balmes (1810-1848) – que não é estritamente um tomista – e o já citado cardeal Juan Tomás de Boxadors.

Curiosamente, a recepção da encíclica *Aeterni Patris* na Espanha não foi tão pronta nem tão calorosa. No século XIX, a Espanha se via em constantes conflitos sociais e políticos, opondo os liberais e maçônicos – partidários de dona Isabel II (1830-1902) – aos chamados carlistas – fiéis à tradição política hispânica, que defendiam os direitos de dom Carlos de Bourbon (1788-1855) ao trono. Uma vez assimilada, no entanto, a chamada papal, o tomismo espanhol apresentou seus frutos numa fidelidade tal à doutrina do Doutor Universal que dificilmente encontramos igual em outros países. Na Espanha, o tomismo não padeceu tanto das tentativas de aproximação com as diferentes vertentes da filosofia moderna. Dessa maneira, podemos apontar a tradição recente do tomismo espanhol como uma das linhagens mais puras do tomismo.

Sem poder aqui alongar-nos num tema que mereceria maiores considerações, queremos apenas apontar alguns dos principais nomes dessa linhagem ibérica do tomismo: Zeferino González O.P. (1821-1894), Norberto del Prado O.P. (1852-1918), Santiago Ramírez O.P. (1891-1967), Aniceto Fernández O.P. (1895-1981), Marcelino Cabrerós de Anta C.M.F. (1901-1995), Guillermo Fraile O.P. (1909-1970), Esteban Gómez O.P. (1910-2005), Teófilo Urdániz O.P. (1912-1987), Antonio Royo Marín O.P. (1913-2005), José Toldi O.P. (1915-1999), Armando Bandera O.P. (1920-2002), Arturo Alonso Lobo O.P. (1921-1983), Victorino Rodríguez y Rodríguez O.P. (1926-1997), Quintín Turiel O.P. (†2005) e Aberlardo Lobato O.P., entre tantos outros. O frei Abelardo Lobato O.P. é um dos maiores tomistas vivos, e foi presidente da Academia Pontifícia de Santo Tomás. Em 1910, foi fundada a revista *Ciencia Tomista* pelo frei Luis González Alonso-Getino O.P. (1877-1946).

Em Barcelona, a fundação da *Schola Cordis Iesu* em 1925 pelo padre Ramón Orlandis Despuig S.J. (1873-1958) deu origem a uma Escola tomista de Barcelona. Os tomistas de Barcelona reúnem-se em torno da cátedra de metafísica da Universidade de Barcelona, que tem sido ocupada por membros do grupo há várias décadas. Hoje, a cátedra é ocupada por Eudaldo Forment, autor de *Historia de la filosofía tomista en la España contemporánea* (1998), membro da Pontifícia Academia de Santo Tomás e da Sociedade Internacional Tomás de Aquino, sucessor na cátedra de metafísica do ilustre tomista Francisco Canals Vidal (1922-2009), também membro da PAST e da SITA, filósofo, teólogo, pai de onze filhos e autor de vasta bibliografia. O grupo de Barcelona mantém a revista *Cristiandad*, fundada em 1944.

O tomismo espanhol é uma realidade florescente. Nesse sentido, a Universidade de Navarra, fundada em 1952 por São Josemaría Escrivá de Balaguer (1902-1975), tem formado filósofos e teólogos no apego estrito à doutrina do Aquinate. Além da Universidade de Navarra, poderíamos citar a Fundación Balmesiana e outros centros de promoção do tomismo. Destacam-se entre os tomistas espanhóis mais recentes: Leopoldo Eulogio Palacios (1912-1981), Ángel González Alvarez (1916-1991), Rafael Gambra Ciudad (1920-2004), Antonio Millán-Puelles (1921-2005), Jesús García López (1924-2005), Carlos Cardona (1930-1993), Ramón García de Haro (1931-1996), Mariano Artigas Mayayo (1938-2006), Juan Vallet de Goytisolo, Luis Clavell Martínez-Repiso, Ángel Luis González, Miguel Ayuso, Rafael Alvira, Tomás Melendo, Armando Segura, Luis Romera, Alfonso García Marqués, Patricia Moya e Javier Pérez Guerreiro. A influência do tomismo espanhol atingiu também outros países. No Chile, poderíamos citar o padre Osvaldo Lira (1904-1996); na Argentina os padres Leonardo Castellani (1899-1981) e Julio Meinvielle (1905-1979); no Brasil, José Pedro Galvão de Sousa e Arlindo Veiga dos Santos (1902-1978), continuados por Ricardo Dip, entre outros estudiosos.

IX

Jacques Maritain influenciou poderosamente o movimento de renovação tomista nas Américas. Podemos dizer que os países em que seu pensamento mais encontrou adeptos foram Estados Unidos, Brasil e Argentina. Jacques Maritain e Gilbert Keith Chesterton estão, na verdade, entre os maiores divulgadores do tomismo nas Américas.

Nos Estados Unidos, foi fundado em 1958 o Jacques Maritain Center na Universidade de Notre Dame, no estado de Indiana. Ralph McNerny, um dos maiores nomes do tomismo americano, foi diretor do Jacques Maritain Center até sua morte. De sua autoria, alguns títulos são: *New Themes in Christian Philosophy* (1969), *Thomism in an Age of Renewal* (1969), *Saint Thomas Aquinas* (1989), *A First Glance at St. Thomas Aquinas: A Handbook for Peeping Thomists* (1990), *Aquinas on Human Action: A Theory of Practice* (1992), *Aquinas Against the Averroists* (1993), *Ethica Thomistica: The Moral Philosophy of Thomas Aquinas* (1997), *What Went Wrong with Vatican II?: The Catholic Crisis Explained* (1998), *Aquinas and Analogy* (1999), *Some Catholic Writers* (2006), e *Praeambula Fidei: Thomism And the God of the Philosophers* (2006). Após a morte de Ralph McNerny, o Jacques Maritain Center passou a ser dirigido por John O'Callaghan, autor de *Thomistic Realism and the Linguistic Turn: Toward a More Perfect Form of*

Existence (2003). No Departamento de Filosofia desta universidade o padre John Jenkins C.S.C., autor do livro *Knowledge and Faith in Thomas Aquinas* (1997), ministra aulas sobre o Doutor Angélico. No Departamento de Teologia o pensamento do Aquinate é objeto de estudo do padre David B. Burrell C.S.C., autor de *Aquinas: God and Action* (1979) e de *Knowing the Unknowable God: Ibn-Sina, Maimonides, Aquinas* (1986), e do padre Thomas F. O'Meara O.P., autor de *Thomas Aquinas, Superstition and Irreverence, Summa Theologiae, II-II, qq. 92-100* (1968) e de *Thomas Aquinas Theologian* (1997). Outro professor da Universidade de Notre Dame que, de alguma forma, teve suas idéias influenciadas pelo Doutor Angélico foi o escocês Alasdair MacIntyre, autor da obra *After Virtue* (1981).

Digno de nota é o trabalho de Henry Babcock Veatch (1911-1999) no campo dos estudos sobre o pensamento aristotélico e tomista. Exerceu importante papel no moderno debate sobre a lei natural, travado no contexto anglo-saxão por John Finnis, por Germain Grisez, por Russell Hittinger, por Hadley Arkes e por Robert P. George, dentre outros³¹. Sejam ainda citadas as reflexões de Mortimer J. Adler (1902-2001), autor de *St. Thomas and the Gentiles* (1938), que, além de escrever estudos sobre Aristóteles e Santo Tomás de Aquino, desenvolveu grande trabalho em prol da idéia de educação liberal.

Ainda nos Estados Unidos, a Catholic University of America, em Washington D.C., desde sua fundação, em 1887, contou com tomistas entre seus professores. Em nossos dias podemos destacar, entre os especialistas na obra do Aquinate que lecionam nessa instituição, monsenhor John F. Wippel, cujos alguns títulos são *Metaphysical Themes in Thomas Aquinas* (1984), *The Metaphysical Thought of Thomas Aquinas: From Finite Being to Uncreated Being* (2000) e *Metaphysical Themes in Thomas Aquinas II* (2007); e Gregory T. Doolan, autor de *Aquinas on the Divine Ideas as Exemplar Causes* (2008).

A Seton Hall University, em South Orange, New Jersey, abriga, por intermédio do Center for Catholic Studies, duas importantes instituições de pesquisa, cujo trabalho colabora na divulgação de algumas idéias centrais do Aquinate na perspectiva de dois de seus mais importantes discípulos contemporâneos. A primeira instituição, presidida pelo padre Ian Boyd C.S.B., é o G. K. Chesterton Institute for Faith & Culture, fundado em 1974, cujo trabalho consiste na publicação da *The Chesterton Review*, editada em inglês desde 1974, em espanhol desde 2007 e em português a partir de 2009, bem como na organização cursos e conferências em diversos países, como Estados Unidos, Reino Unido, Itália, Espanha, França, Polônia, Croácia, Chile, Argentina e Brasil. A outra instituição, presidida pelo monsenhor Richard M. Liddy, é o Bernard J. Lonergan Institute, fundado em 2006, trabalhando na organização de conferências e editando, desde 2009, a *The Lonergan Review*.

Na Universidade de Georgetown, em Washington D.C., o padre James Schall S.J. aproxima-se da problemática da filosofia política, da lei natural e da educação liberal com uma perspectiva tomista, unindo elementos da filosofia de Santo Tomás de Aquino com o pensamento de Platão, Aristóteles, Santo Agostinho (354-430), G. K. Chesterton, Jacques Maritain, Heinrich Rommen e Leo Strauss (1899-1973). Nesta mesma instituição Denis J. M. Bradley, autor do livro *Aquinas on the Twofold Human Good: Reason and Human Happiness in the Moral Science* (1997), leciona no Departamento de Filosofia. Ainda tratando de instituições de ensino mantidas pelos jesuítas nos EUA, podemos citar o padre W. Noriis Clarke S.J., autor do livro *The One and the Many: A Contemporary Thomistic Metaphysics* (2001), que leciona no Departamento de Filosofia da Fordham University, em New York, e Frederick Christian Bauerschmidt, autor de *Holy Teaching: Introducing the Summa Theologiae of St. Thomas Aquinas* (2005), professor de teologia do Loyola College, em Baltimore, Maryland.

Grande divulgador do tomismo nos Estados Unidos e em todo o mundo é Peter Kreeft, professor no Boston College e no King's College, autor de mais de quarenta e cinco livros, entre os quais cumpre ressaltar *The Summa of the Summa* (1990). Ainda nos Estados Unidos, a revista *The Thomist* é publicada desde 1939 pelos dominicanos.

X

Na Argentina, como no Brasil, o tomismo pode ser considerado o principal movimento filosófico no século XX. No caso da Argentina, a variedade das disciplinas filosóficas tratadas por diferentes estudiosos – e o apego estrito à doutrina do Aquinate de grande parte destes estudiosos – fazem deste país um dos pólos mundiais do pensamento tomista.

Em 1922, foram criados por jovens universitários católicos de Buenos Aires os Cursos de Cultura Católica, que se propunham oferecer formação cristã, ausente na universidade pública. Até 1958 era proibido na Argentina abrir universidades privadas, ou mesmo provinciais ou municipais. Os jovens católicos estabeleceram assim Cursos de filosofia, de teologia, de história da Igreja, de moral, etc., e escolhiam professores – num primeiro momento, todos sacerdotes – que os ministrassem. Entre esses jovens, Tomás Darío Casares (1895-1976), que mais tarde seria um dos fundadores da Sociedad Tomista Argentina, sobressai como líder. O doutor Casares é autor de, entre outros livros: *La Justicia y el Derecho* (1935); *Reflexiones sobre la Condición de la Inteligencia*

en el Catolicismo (1942); *Jerarquías Espirituales* (1928). Dos *Cursos de Cultura Católica* nasceu a Universidade Católica Argentina³².

O tomismo na Argentina chegou a formar grande escola. Sem querer esgotar o assunto, citemos apenas mais alguns dos mais célebres tomistas argentinos: o padre Julio Meinvielle (1905-1979), autor de *De Lamennais a Maritain* (1945), *Crítica de la concepción de Maritain sobre la persona humana* (1948), *De la Cábalá al progresismo* (1970), *El comunismo en la revolución anticristiana* (1961), *Concepción católica de la economía* (1936), entre outras obras; Carlos Alberto Sacheri (1933-1974)³³, discípulo do padre Meinvielle, discípulo também de Charles de Konick (1906-1965) na Universidade de Laval, cujas obras mais conhecidas são *La Iglesia clandestina* (1970) e *El orden natural* (1971), assassinado em 1974 pelo Ejército Revolucionario del Pueblo (ERP); Jordán Bruno Genta (1909-1974), professor de muitos dos tomistas argentinos, igualmente assassinado pelo ERP.

Alberto Caturelli, cordobês, é membro honorário da Pontifícia Academia para a Vida, professor das universidades de Buenos Aires, Córdoba e La Plata. Ao longo da vida dedicou-se a diferentes disciplinas filosóficas, inclusive a história da filosofia. É seguramente um dos maiores tomistas vivos do mundo. Algumas obras de sua vasta bibliografia são: *Cristocentrismo*; *El filosofar como decisión y compromiso*; *El hombre y la historia*; *Metafísica de la integralidad*; *América bifronte*; *La universidad*; *Pluralismo cultural y sabiduría cristiana*; *La filosofía medieval*; *Metafísica del trabajo*; *Reflexiones para una filosofía cristiana de la educación*; *Libertad y liberación*; *Liberalismo y apostasía*.

Monsenhor Octavio Nicolas Derisi (1907-2002) foi provavelmente o maior dos tomistas argentinos. Estudou filosofia na Universidade de Buenos Aires, após o doutorado (1938), ensinou na Universidade de La Plata. Fundou a revista *Sapientia*, importante veículo do tomismo argentino. Fundou e foi reitor da Pontifícia Universidade Católica Argentina. Promoveu uma crítica penetrante e erudita dos fundamentos gnosiológicos do pensamento moderno, para em seu lugar estabelecer a doutrina tomista do ser, alcançado diretamente em sua realidade exterior em relação ao pensamento. Algumas obras suas são: *Concepto de la filosofía cristiana* (1935); *Los fundamentos metafísicos del orden moral* (1941), que é sua tese doutoral; *Filosofía moderna y filosofía tomista* (1945), em dois volumes.

XI

No Brasil, o tomismo começa a ser restaurado com José Soriano de Sousa (1833-1895), doutor pela Universidade de Lovaina, professor da Faculdade de Direito do Recife. Entre suas obras consta um *Compêndio de Filosofia* (1867) e

Elementos de filosofia do direito (1880). No início do século XX, em São Paulo, a Faculdade de São Bento fomenta um núcleo tomista: Alexandre Correia (1893-1983), Leonardo Van Acker (1896-1986) e José Pedro Galvão de Sousa³⁴ – o maior nome do direito natural no Brasil – ensinaram naquela Faculdade. Entre as obras de José Pedro, sejam citadas: *O Positivismo Jurídico e o Direito Natural* (1940), *Conceito e natureza da sociedade política* (1949), *Formação brasileira e comunidade lusitana* (1954), *História do Direito Público Brasileiro* (1962), *Da representação política* (1971), *O totalitarismo nas origens da moderna Teoria do Estado. Um estudo sobre o 'Defensor Pacis' de Marsílio de Pádua* (1972), *O pensamento político de São Tomás de Aquino* (1980), *Dicionário de Política* (1998, póstumo). Merece uma menção especial o catecismo que o pensador paulista escreveu para seus filhos, *Para conhecer e viver as verdades da fé* (1982).

No Rio de Janeiro, o Centro Dom Vital, fundado em 1922 por Jackson de Figueiredo (1891-1928) tornou-se um centro de estudo e difusão do tomismo. Morto Jackson, o Centro Dom Vital passou a ser dirigido por Alceu Amoroso Lima (1893-1983), que, à semelhança de Jacques Maritain, experimentou duas fases intelectuais após sua conversão em 1928. Num primeiro momento, tinha idéias políticas próximas do tradicionalismo político e da Ação Integralista Brasileira – fundada em 1932 por Plínio Salgado (1895-1975), que adotava em grande parte as idéias de Charles Maurras, adaptadas por Jackson de Figueiredo –, e foi grande divulgador da obra de Chesterton no Brasil. Em sua segunda fase – marcada por um desvio político à esquerda e, em teologia, um desvio para as idéias de Teilhard de Chardin (1881-1955) –, Alceu teve um forte adversário em Gustavo Corção (1896-1978), engenheiro convertido ao catolicismo pela leitura do primeiro Maritain e de Chesterton. Gustavo Corção, um dos maiores literatos que o Brasil conheceu, tem, entre seus livros mais conhecidos: *A descoberta do outro* (1944), testemunho de sua conversão; *Três alqueires e uma vaca* (1945), sobre Chesterton; *Lições de abismo* (1951).

O mais profundo dos tomistas brasileiros – e um dos únicos que não se uniu ao interesse geral pelos temas políticos e sociais – foi o padre Maurílio Teixeira Leite Penido (1895-1970), autor de mais de uma dezena de livros, que tratam, sobretudo, de mística, tema a que se dedicou no fim da vida. Foi atraído pela filosofia de Bergson na juventude, mas o padre Norberto del Prado, OP, iniciando-o na doutrina de Santo Tomás, mostrou-lhe o caminho filosófico que adotaria para o resto da vida. O padre Penido filia-se à tradição tomista ibérica de João de Santo Tomás (1589-1644), Zeferino González (1821-1894), Norberto del Prado (1852-1918), Francisco Marín-Sola (1873-1931), Juan González Arintero (1860-1928) e Santiago Ramírez (1891-1967), com quem compartilhou o tema de estudo da analogia na teologia de Santo Tomás. O padre Penido, segundo nos

informa Dom Odílio Moura (1918-2010), “*discorda das teses maritainianas sobre a filosofia moral ‘adequadamente considerada’ e sobre seu conceito de filosofia cristã*”⁸⁵.

Nascido em Petrópolis, formou-se em Letras pela Universidade de Paris em 1913. Respondeu à vocação sacerdotal aos dezenove anos, estudando um curto período na Universidade Gregoriana e partindo em seguida para a Universidade de Friburgo, onde se doutorou em filosofia no ano de 1918 e em teologia no ano de 1928. Em 1938, voltou ao Brasil definitivamente, com um convite para lecionar na Universidade do Distrito Federal e no Instituto Católico de Estudos Superiores. Posteriormente, oferecida a cátedra de filosofia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, não a quis ocupar por preocupações doutrinárias. Na sua evolução intelectual, ocupou-se primeiro de assuntos filosóficos, passando depois aos teológicos, e enfim aos místicos. No campo da teologia, foi pioneiro nos estudos sobre psicologia religiosa, sendo – de acordo com Dom Odílio Moura O.S.B. – “*o que escreveu sobre este assunto [...] de muita atualidade para a compreensão e julgamento dos movimentos cursilhistas e carismáticos*”⁸⁶. O mesmo Dom Odílio afirma que no padre Penido – “*verdadeiro filósofo, filósofo tomista, tomista autêntico*”⁸⁷ – “*é forçoso reconhecer [...] a mais elevada expressão brasileira, no plano do pensamento puro*”⁸⁸.

Alexandre Correia, já citado, traduziu integralmente a *Suma Teológica* ao português, num trabalho que levou quatorze anos (1944-1958). Recentemente, uma nova tradução foi publicada pela Editora Loyola. A edição da *Suma Teológica* em versão bilíngüe – tanto a de Alexandre Correia quanto a mais recente – foram passos necessários para o início da difusão do tomismo no Brasil, num século XX e XXI em que o latim já não é dominado pela maioria dos acadêmicos.

É com alegria que podemos dizer que, apesar da ainda escassa produção tomista brasileira, percebe-se um vigoroso movimento de aproximação à doutrina de Santo Tomás. Nesse sentido, cabe destacar o trabalho de diversas organizações. A Editora Sétimo Selo tem se proposto uma linha editorial cujo eixo seja a filosofia escolástica. O Instituto Aquinate, por outro lado, é uma realidade florescente no campo da filosofia e das humanidades no Brasil, promovendo publicações e eventos em que o tomismo é difundido nas universidades e para o público geral. Iniciativa do professor Paulo Faitanin, do Departamento de Filosofia da Universidade Federal Fluminense, o Instituto nasceu da Revista *Aquinate*, primeira revista acadêmica brasileira totalmente dedicada ao estudo de Santo Tomás de Aquino, que o professor passou a editar quando voltou ao Brasil, depois do período que passou na Universidade de Navarra para doutorar-se em filosofia. Agregando outros professores e alunos, em 2008 o professor Faitanin logrou fundar com seus colaboradores o Instituto Aquinate, que dessa maneira parece inaugurar uma nova fase no tomismo brasileiro.

XII

Em 1974, na comemoração do VII Centenário da morte do Doutor Angélico e às vésperas do centenário anos da encíclica *Aeterni Patris*, uma nova instituição era gestada para o estudo e para a promoção da doutrina do Doutor Angélico: a Sociedade Internacional Tomás de Aquino, que seria fundada oficialmente no dia 27 de maio de 1978. Vinha juntar-se a tantas instituições – mormente as fundadas por Leão XIII em Roma – que no mundo difundem a doutrina tomista. O primeiro sócio da SITA foi o então cardeal Karol Wojtyła (1920-1978), que no mesmo ano se tornaria o papa João Paulo II.

O processo de expansão da SITA pelo mundo – que segue até nossos dias, com a fundação de seções nos diferentes países – é testemunho da vitalidade do tomismo. A paternal advertência de Leão XIII, ainda que não suficientemente ouvida, foi tomada em conta por muitos: são esses os continuadores, no século XX e no XXI, da filosofia baseada no bom senso, no apego à realidade, que encontrou em Santo Tomás o seu máximo e seguro expoente, como diz o papa Pecci na *Aeterni Patris*.

Apesar do Concílio Vaticano II ter recomendado o tomismo para a formação dos sacerdotes, para as universidades católicas e para todos os estudiosos da filosofia e da teologia, viu-se a partir da década de 60 um afastamento maciço do tomismo por parte das universidades, dos seminários e dos filósofos e teólogos católicos. Era um sintoma da grande crise que abateu-se sobre a Igreja depois do Concílio. O papa Paulo VI, por isso mesmo, diversas vezes fez pronunciamentos em favor do tomismo, alertando para o risco de desviar-se da doutrina sólida e segura de Santo Tomás, que previne as inteligências dos erros e das heresias. Apesar dos pronunciamentos papais, o progressismo, mal interpretando o Concílio Vaticano II, propunha abraçar as filosofias da moda, o que de fato gerou não poucos males para a Igreja e para o mundo. Bastaria citar a infiltração do marxismo por meio da chamada Teologia da Libertação.

Forte influência teve o tomismo no pensamento de Karol Wojtyła³⁹, cujo professor orientador no doutorado foi o padre Garrigou-Lagrange. De fato, João Paulo II defendeu o pensamento tomista em diversas ocasiões; cite-se como exemplo a segunda parte do capítulo IV da encíclica *Fides et Ratio* (§§ 43-44). O cardeal Joseph Ratzinger, em comentário a essa encíclica que foi publicado na revista *Communio*, igualmente demonstra a intenção de João Paulo II de indicar a doutrina tomista como regra segura⁴⁰.

Eleito Bento XVI, o novo Papa tem se manifestado seguidas vezes sobre a doutrina do Doutor Comum da Igreja, como por exemplo no famoso discurso sobre fé, razão e universidade que pronunciou em Regensburg⁴¹. Em recentes

catequese tem também o Papa recomendado o tomismo, mostrando como a doutrina de Santo Tomás é permanentemente objeto de atenção e predileção dos Romanos Pontífices.

Nas palavras de Chesterton, “*que o tomismo seja a filosofia do bom senso, o mesmo bom senso o proclama*”¹². Assim se explica a insistência dos papas em pregar o estudo de Santo Tomás, desde João XXII (1249-1334), que afirmou que o Aquinate sozinho “*iluminou a Igreja mais que todos os outros doutores, e num só ano aproveita-se mais a leitura de seus escritos, como não se faria estudando durante a vida inteira a doutrina dos outros teólogos*”¹³.

Da encíclica *Aeterni Patris* até hoje, a doutrina de Santo Tomás teve continuidade em um número impressionante de autores, obras, instituições. Um número impressionante que, obviamente, não podia ser abarcado suficientemente neste artigo. Esperamos que esta breve introdução motive o aparecimento de estudos mais abrangentes e mais profundos sobre a história do tomismo, e sobre a própria doutrina acumulada e explicada diretamente por Santo Tomás¹⁴.

^{1*} O Autor quer manifestar seu agradecimento ao Prof. Dr. Paulo Faitanin (IAq / UFF) pelas indicações bibliográficas para a produção deste artigo. Quer também agradecer a leitura prévia, as sugestões e contribuições dos professores Alex Catharino (*Communio* / CIEEP) e Daniel Nunes Pêcego (IAq / UFRJ).

Leão XIII. “Carta Encíclica *Aeterni Patris*”. (Tradução de Paulo Sergio Faitanin). In: *Aquinate*, nº 12, (2010), pp. 117-151.

² Alencar, Flávio Lemos. “Academias e Institutos Tomistas na Europa e no Brasil (1879-2008)”. In: *Aquinate*, nº 7, (2008), pp. 179-194.

³ Forment Giral, Eudaldo. “Los Fundadores de la ‘Civiltá Cattolica’ y la Restauración de la Filosofía Tomista”. In: *Atti dell’VIII Congresso Tomistico Internazionale*. Vol. II: L’Enciclica *Aeterni Patris*. Significato e preparazione. Città del Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 1981. pp. 441-455.

⁴ Franca, Leonel. *Noções de história da Filosofia*. Rio de Janeiro: Agir, 16ª edição, 1960.

⁵ Forment Giral. *Op. cit.*, p. 443.

⁶ Forment Giral, Eudaldo. *Id a Tomás*. Pamplona: Fundación Gratis Date, 2ª edição, 2005. p. 153.

⁷ Lobato, Alberto. “A Pontifícia Academia de Santo Tomás de Aquino: História e Missão”. In: *Aquinate*, nº 6, (2008), p. 128.

⁸ Leão XIII. *Aeterni Patris*, nº 30.

⁹ Idem. *Ibidem.*, nº 32.

¹⁰ Idem. *Ibidem.*, nº 35.

¹¹ Padovani, Umberto ; Castagnola, Luis. *História da Filosofia*. São Paulo: Melhoramentos, 3ª Edição. 1958. p. 448.

¹² Hugon, Édouard. *Os Princípios da Filosofia de Santo Tomás de Aquino: As Vinte e Quatro Teses Fundamentais*. (Tradução e Introdução de Dom Odilão Moura O.S.B.). Porto Alegre: Edipucrs, 1998.

A encíclica Aeterni Patris e o movimento de restauração da filosofia tomista

¹³ Silveira, Carlos Frederico Gurgel Calvet da. “Cornelio Fabro, Intérprete de Santo Tomás”. In: *Aquinate*, nº 13, (2006), pp. 1-14.

¹⁴ Moura, Odilão. *Idéias Católicas no Brasil: Direções do Pensamento Católico do Brasil no Século XX*. São Paulo: Convivium, 1978. pp. 65-68.

¹⁵ Henriques, Mendo Castro. “A inovação de Bernard Lonergan”. In: *Dicta & Contradicta*, Número 1 (Junho, 2008), pp. 45-57.

¹⁶ Mccool, Gerald A. *From Unity to Pluralism: The Internal Evolution of Thomism*. New York: Fordham University Press, 1989.

¹⁷ Ver: *The Lonergan Review: The Journal of the Bernard J. Lonergan Institute*, Volume I, Number 1 (Spring, 2009).

¹⁸ Ladusâns, Stanislavs. “A inteligência reflexiva em S. Tomás de Aquino”. In: Sociedade Brasileira de Filósofos Católicos. *Filosofia e Realidade Brasileira: Volume 2*. (Atas da II Semana Internacional de Filosofia realizada na cidade de Petrópolis, RJ, de 14 a 20 de julho de 1974). Rio de Janeiro: Companhia Editorial Americana, 1976. pp. 191-204; Ladusâns, Stanislavs. *Gnosiologia pluridimensional: Fundamentos fenomenológico-críticos do conhecimento da verdade*. Rio de Janeiro: Presença, 2ª edição, 1982.

¹⁹ SÁ EARP, Ney Affonso de. *Love and Transcendent Knowledge: Acritical Study of Chapter XIX of Insight in the light of Lonergan's later ideas about Love and Natural Theology*. (Excerpta ex dissertatione ad doctoratum in Facultate Philosophiae Pontificiae Universitatis Gregorianae). Roma: Pontificia Universitas Gregoriana, 1983; SÁ EARP, Ney Affonso de. “A relevância da ‘gnome’ tomista para uma análise contemporânea do processo sócio-cultural”. In: Ladusâns, Stanislavs. *A análise social filosófico-cristã*. Rio de Janeiro: Presença, 1988. pp. 355-368.

²⁰ Jacquin, Robert. “L’Accueil Reçu en France par l’Encyclique ‘Aeterni Patris’”. In: *Atti dell’VIII Congresso Tomistico Internazionale*. Vol. III: L’Enciclica Aeterni Patris. Suoi Riflessi nel Tempo. Città del Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 1981. pp. 275-300.

²¹ Perrier, Joseph Louis. *The Revival of Scholastic Philosophy in Nineteenth Century*. New York: Columbia University Press, 1909. Ver: Cap. XII: “The New-Scholastic Revival in France”.

²² Apud Sousa, José Pedro Galvão de Sousa et al. *Dicionário de Política*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1995. Verbe “Catolicismo liberal”, p. 85.

²³ Pêcego, Daniel Nunes. “Serge-Thomas Bonino: Editor da *Revue Thomiste*”. In: *Aquinate*, nº 12, (2010), pp. 162-163.

²⁴ Faitanin, Paulo. “Leo Elders: Por que estudar Santo Tomás de Aquino hoje?”. In: *Aquinate*, nº 4, (2007), pp. 236-239.

²⁵ Elders, Leo. *Conversaciones filosóficas con Santo Tomás de Aquino*. Ediciones IVE: San Rafael, 2009.

²⁶ Elders, Leo. *Conversaciones teológicas con Santo Tomás de Aquino*. Ediciones IVE: San Rafael, 2009.

²⁷ Masson, Pierre. “Newman et l’Encyclique ‘Aeterni Patris’”. In: *Atti dell’VIII Congresso Tomistico Internazionale*. Vol. III: L’Enciclica Aeterni Patris. Suoi Riflessi nel Tempo. Città del Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 1981. pp. 387-399.

²⁸ Chesterton, G.K. *Santo Tomás de Aquino*. (Tradução de Carlos Ancède Nougé). São Paulo: LTr, 2003.

²⁹ Chesterton, G. K. *Santo Tomás de Aquino*. (Tradução e notas de Antônio Álvaro Dória). Braga: Livraria Cruz, 1957. p. 195.

³⁰ Kretzmann, Norman ; STUMP, Eleonore (org.). *The Cambridge Companion to Aquinas*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

³¹ Schall, James V. “The Intellectual Context of Natural Law”. In: *The American Journal of Jurisprudence*, Volume 38 (1993): 85-107.

³² Derisi, Octavio Nicolás. “Los Efectos de la Enciclica ‘Aeterni Patris’ en la Republica Argentina”. In: *Atti dell’VIII Congresso Tomistico Internazionale*. Vol. III: L’Enciclica Aeterni Patris. Suoi Riflessi nel Tempo. Città del Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 1981, pp. 442-450.

³³ Hernández, Héctor. *Sacheri, Predicar y morir por la Argentina*. Buenos Aires: Editorial Vórtice, 2007.

³⁴ Albert Márquez, José J. *Hacia un Estado Corporativo de Justicia: Fundamentos del Derecho y del Estado en José Pedro Galvão de Sousa*. Barcelona: Atelier Libros Juridicos, 2010.

³⁵ Moura, Odilão. *Op. cit.*, p. 133.

³⁶ Idem. *Ibidem.*, p. 129.

³⁷ Idem. *Ibidem.*, p. 130.

³⁸ Idem. *Ibidem.*, p. 133.

³⁹ Novak, Michael. “The Christian Philosophy of John Paull II”. In: Novak, Michael. *On Cultivating Liberty: Reflections on Moral Ecology*. (Edited by Brian C. Anderson). London / New York: Rowman & Littlefield Publishers, 1998. pp. 243-256.

⁴⁰ Ratzinger, Cardeal Joseph. “Fé, Verdade e Cultura: Reflexões sobre a encíclica *Fides et Ratio* de João Paulo II”. (Tradução de Alex Catharino). In: *Communio: Revista Internacional de Teologia e Cultura*, Volume XXVII, Número 1 (Edição 97), janeiro / março 2008: 251-176.

⁴¹ *Communio: Revista Internacional de Teologia e Cultura*, Volume XXVI, Número 2 (Edição 95), maio / agosto 2007

⁴² Chesterton, G. K. *Santo Tomás de Aquino*. Braga: Livraria Cruz, 1957, p. 255.

⁴³ Joyau, Charles-Anatole. *Saint Thomas d’Aquin*. Lyon: Librairie Générale Catholique et Classique, 1895.

⁴⁴ Faitanin, Paulo. “Tomás, o Tomismo e os Tomistas”. In: *Aquinate*, n° 10, (2009), pp. 2-15.



